

Recife, 06 de janeiro de 2023.  
Eduardo, meu caro amigo e colega,

Hoje escrevo essas linhas, pela inspiração que me veio da leitura emocionada de Freire. Sim ele, mais uma vez, ele quase sempre, dentro de nossa prática, de nosso olhar dentro da educação que vai além de conteúdos curriculares. A educação progressista, questionadora, autêntica no sentido de humanização dos saberes.

E tenho que citar as palavras de Freire, tão significativas, dentro de uma pedagogia dialógica, recíproca à aprendizagem que é bilateral, nunca rígida, nunca autoritária, avessa à modelagem bancária. Essa pedagogia desperta em nós o indivíduo que está em um coletivo e, assim sendo, constrói-se como ser histórico.

Eu deixei a página lilás, para disfarçar os possíveis rios que decorrerão de mim, durante minha escrita. Já que desaguei na leitura do livro, prevejo este manifesto. Olha, amigo, não tem como não entrar naquelas palavras, uma vez que já fui a menina da zona rural, na casa humilde, sem energia elétrica. A menina que tinha como mochila sacolas de supermercado e que, inocente, não lamentava por isso, pois, queria muito estudar.

Não tem como, se lembro de que meu primo, já adulto, pai de duas meninas, pediu-me, quando eu já tinha o magistério, que o ensinasse a ler um pouco e a aprender a escrever seu nome, para deixar de ser cortador de cana e se tornar operador de máquina, em uma usina canavieira, nos idos de 2000.

Portanto, eu também já ensinei a um adulto, as primeiras sílabas, frases curtas, seu nome. E meu pai já foi um aluno adulto, por ter-se ocupado da enxada, aos 8 anos. Bem diferente da poética de Casimiro de Abreu!



Durante a leitura de Freire, lembro-me de nossas conversas, vou imaginando você em sala. Você também que teve seus desafios, hoje superados pelo perfume da coragem. Ah, meu caro, mas nós também somos as marcas de passado que não voam como a fina areia dos desertos.

Mas vamos às reflexões desta leitura. Eu não somente li, como também senti todo o texto.

Vou discorrer sobre o primeiro momento do livro, em que o curso de ideias se dá sobre a docência imprescindir a discência. E... aí, Freire já nos atropela com suas críticas ao modelo bancário, entendendo a construção coletiva a partir de homens e mulheres como seres históricos. Ele sinaliza uma "do-discência"(FREIRE, 1996, p. 14), ou seja, ensinamos e aprendemos. Também amplia a semântica do ensinar como uma dinâmica plural:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1996, p. 13)

Ele considera uma educação libertadora a que considera o sujeito e sua realidade como possibilidades do ensino e da aprendizagem "por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?" (FREIRE, 1996, p. 14). Ao lembrar que nesse contexto ensinar exige pesquisa e que o professor deve, exatamente por ser professor, ser um pesquisador. (FREIRE, 1996).

E fico imaginando, você em sala, ao questionar seus estudantes, já que te conheço e sei que o faz, instigando-os a terem olhares



curiosos, os quais, conforme assinala Freire, faz surgir a criatividade, (FREIRE, 1996).

E te imagino como alguém que vai em conformidade ao pensar certo que Freire tanto insiste, como elemento estético e ético do ensinar, uma vez que “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.” (FREIRE, 1996, p. 16).

É certo também que isso pode atrair a rejeição, risco ou aceitação à formas discriminatórias, conforme no situa Freire. Mas o certo é ensinar certo, está claro para ele e para nós (FREIRE, 1996, p. 16) :

“A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. (FREIRE, 1996, p. 16).

Outro ponto que aqui cito de Freire é sobre o reconhecimento e a aceitação cultural do educando, e me provoca uma vontade de também te mostrar todo o sentimento deste relato:

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu... (FREIRE, 1996, p.17).

Nem preciso, mas te relembro que em Freire ressoam nossas conversas, principalmente sobre justiça social e igualdade de direitos em que, um espaço escolar precisa ser digno em condições estruturais e pedagógicas para ser um lugar de transformação dos sujeitos. Lembra que te falei uma vez que dávamos a merenda antes das 9h, senão não conseguíamos a atenção de rostos famintos de comida e amor, lá...na mesma escola em que fui aluna dos 6 aos 10 anos (da 1ª à 4ª série) na escola Municipal Dona Santa, no sítio Anil,



em Chã de Alegria? E, para mais, eu te mostro outra parte do texto que simboliza o que inclinamos à nossa prática:

“que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem”. (FREIRE, 1996, p. 20).

Então, amigo, imagino que você voltou ‘nos tempos’. Os tempos que nos forjaram, a história que nos construiu e a história que construímos, vindos de uma educação mais mecanizada que significativa, em que nossas dores foram caladas, seja no âmbito doméstico, ou na escola. No entanto, ao iniciar a carta, não tinha como não nos ver ‘freirianos’. Sim, eu ousou, ainda que limitados, desajeitados, ‘freirianos’.

Subvertemos um sistema que nos queria operários, ‘não-pensantes’. Insistimos, chegamos ao ensino superior, e hoje sim, do nosso jeito, vamos tecendo pequenas revoluções, ao considerar que trazer músicas, questões cotidianas dos nossos estudantes, estamos ‘freiriando’ a aprendizagem. Mais você, certamente, por estar atendendo uma modalidade da educação básica tão especial, a dos esquecidos, a dos não priorizados, já que tens uma experiência mais longa com a EJA..

Eu não sei se isso te levou a alguma viagem, mas, certamente, você não está no mesmo lugar, pois, Freire nunca nos deixa parados, calados, insensíveis, estáticos. Tem sempre uma mudança quando o lemos e, era isso que eu queria hoje. Fazer você andar, dentro de algo tão grande que são essas palavras quase feitas de carne e coração que Freire deixou e que, quem as acessa, sente tudo e se modifica.

Um abraço,

E nos vemos certamente no corredor da escola.

Malu

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**DISCIPLINA FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
ORIENTAÇÃO DO SEMINÁRIO TEMÁTICO COM O LIVRO PEDAGOGIA DA  
AUTONOMIA**

Aluna - Marilucy da Silva Ferreira